

ETNÓLOGO SUIÇO É ASSALTADO NO BRASIL

AUTOR: GONÇALO FERREIRA DA SILVA



Edição patrocinada pelo etnólogo suíço e grande benemérito da ABLC Professor Doutor Jean Louis Christinat

ETNÓLOGO SUIÇO É ASSALTADO NO BRASIL

GONÇALO FERREIRA DA SILVA

O Doutro Jean Louis Christinat um dos brilhantes estudiosos das artes com pesquisas importantes passou por duros momentos nas mãos de dois assaltantes.

Fazem parte do programa do grande pesquisador além do Rio de Janeiro como centro produtor da cultura, Pernambuco, São Luís e Salvador.

Em mil novecentos e noventa e nove, a serviço veio ao Brasil e em Recife ao longo do compromisso aconteceu o assalto ao pesquisador suíço.

Dia nove de agosto chegou ao Rio de Janeiro, na Casa de Rui Barbosa fez seu estudo primeiro pois sua finalidade era o cordel brasileiro.

Foi ao Museu do Folclore,
visitou a Academia,
passou na casa do Ciro,
foi à feira ver se havia
como no tempo passado
vendedor de poesia.

Finalmente dia vinte
rumou para o Maranhão,
dali foi até Belém
cumprindo a mesma missão
de gravar depoimentos
dos vates da região.

Em setembro, dia dois,
e já hospedado até
em Recife foi à Casa
de Cultura andando a pé
entrevistar folheteiros
do Mercado São José.

Na Praça da Independência
teve encontro cordial
com vates emboladores
que vão àquele local
no centro histórico da
importante capital.

Dia quatro visitou
Caruaru, onde além
de com Olegário e Cristóvão
conversarem muito bem
tirou fotos e comprou
muitos folhetos também.

Dia cinco, precisando aproveitar bem os dias, domingo, lojas fechadas, ruas desertas, vazias, saiu pra comprar folhetos e tirar fotografias.

Nove e meia, com a missão cumprida parcialmente ele resolveu voltar ao hotel, por ter em mente que a matéria recolhida já era suficiente.

Justamente em frente a Igreja a São Pedro erguida um mulato com a voz que lhe pareceu sofrida pediu-lhe um real dizendo que ia comprar comida.

Sendo pra matar-lhe a fome o atendeu prontamente mas ele agarrou-lhe um braço de modo surpreendente enquanto um segundo homem surgiu repentinamente.

Agora já com os dois braços imobilizados os bandidos exigiram em tom de indignados:
– Rápido, todos os dólares pois estamos apressados.

Fingindo tranqüilidade
que não possuía mais
tentou argumento que
convencesse os marginais:
“Deixei no hotel os dólares
aqui só tenho reais”.

Mas enquanto obedecia
os conselhos da prudência
um dos bandidos voltou
a fazer a exigência:
“Vamos rápido enquanto temos
um resto de paciência”.

Apesar de estar com os
braços imobilizados
tirou quarenta reais
no bolso esquerdo guardados
e que foram bruscamente
dos seus dedos arrancados.

Não satisfeito porém
começou a lhe apalpar
e percebendo um relevo
ousou em lhe revistar
foi quando, instintivamente,
resolveu se arrisear.

Seus pensamentos confusos
se tornaram eletrizantes
em busca de solução
para os cruciais instantes
em que esteve a mercê
daqueles dois assaltantes.

Abandonando a prudência
empurrou logo um bandido
que se desequilibrou
ligeiramente aturdido;
reequilibrou-se e veio
muito mais enfurecido.

Percebendo no assaltante
rancor e ódio no peito,
para preservar a vida
não encontrou outro jeito
e deu-lhe os reais que tinha
dentro do bolso direito.

O seu relógio de pulso
foi cruelmente arrancado
quando pôde perceber
que vinha do outro lado
um cidadão caminhando
algo despreocupado.

O bandido ao ver o homem
vindo em sua direção
deixou cair o relógio
e em fulminante ação
retirou do cós da calça
uma peixeira com a mão.

Presenciando o assalto
que seguramente viu,
o homem apressou a marcha
e seu caminho seguiu,
por certo achou mais prudente
não intervir e fugiu.

Pôs novamente o relógio
no pulso, e novamente,
quis o bandido arrancá-lo
ai ele achou prudente
por espontânea vontade
entregá-lo ao deliçante.

As coisas aconteciam
em seqüência alucinante,
sua mochila apalpada
pelo primeiro assaltante
que sentiu as duas máquinas
fotográficas num instante.

Apesar do grande risco
que certamente corria
não quis entregar as máquinas
pois dentro delas havia
películas virgens e fotos
tiradas antes um dia.

Empurrou o assaltante
porém repentinamente
uma peixeira assassina
foi imediatamente
colocada nos seus flancos
ameaçadoramente.

— Quer morrer? — vociferou
mas ele sem se conter
jogou no chão o primeiro
mas sentiu seu flanco arder
e enquanto a peixeira entrava
repetia: — Quer morrer?

Guardando ocultos nas calças os dólares e o passaporte e não querendo entregá-los teve que jogar com a sorte: ou a fuga à liberdade ou infelizmente a morte.

Sentindo a sua camisa parcialmente tingida de sangue, um ódio mortal entorpeceu a ferida e reconcentrou-se numa providencial saída.

Em tom de fraternidade e depois de breve estudo disse vencido ao mulato: você ganhou, leve tudo, aí está a mochila com todo o seu conteúdo.

O mulato curioso abriu com sofreguidão a mochila, enquanto o outro também prestava atenção. Foi para o pesquisador uma grande ocasião.

Erguendo logo a cabeça fez um brusco movimento os bandidos se assustaram e no apavoramento o pesquisador correu aproveitando o momento.

Numa ação inesperada
fulminante e decidida
o mestre Jean Louis
já estava na avenida
Dantas Barreto pensando
em curar sua ferida.

Dois guardas que encontrou
acharam tudo normal,
os assaltos são freqüentes
numa grande capital
mas lhe deram o endereço
da Delegacia local.

Ao contar do episódio
os momentos cruciais,
sei que num país de tantas
injustiças sociais
crimes e assaltos se tornam
infelizmente normais.

Este triste acontecido
que acabou de ser narrado
distante de ser o único
pode bem ser dedicado
ao brasileiro que ainda
não tiver sido assaltado.

Fim
Agosto/2000

9260

